

## SOCIEDADE SAÚDE

**Mortalidade** Mesmo sem mortes covid, total de óbitos está acima da média dos últimos 13 anos. Falta de acesso a cuidados de saúde é uma das causas possíveis

### Há 1405 mortes por explicar

08.08.2020 às 9h48



FOTO RUI DUARTE SILVA

**TEXTO CHRISTIANA MARTINS, RAQUEL ALBUQUERQUE E VERA LÚCIA ARREIGOSO**

Desde o final de março, mês em que foi detetado o primeiro caso de covid-19 em Portugal, e até ao início desta semana, o país registou 3148 mortes a mais do que seria esperado tendo em conta a média dos últimos 13 anos, revelou ao Expresso o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA). Subtraindo os 1743 óbitos provocados pelo novo coronavírus, sobram 1405 mortes por explicar.

As autoridades de saúde frisam que o estudo detalhado a este excesso de mortalidade só estará concluído no próximo ano. Segundo o INSA, houve três períodos com uma mortalidade acima do normal: 30 de março a 12 de abril; 25 a 31 de maio; e 6 de julho a 2 de agosto. Em relação ao primeiro, o departamento de epidemiologia admite que “a pandemia tenha sido a causa mais provável”, podendo tratar-se, pelo menos em parte, de mortes por covid que não foram contabilizadas como tal. Relativamente aos outros dois períodos, tanto o INSA como a Direção-Geral da Saúde responsabilizam, sobretudo, o calor.

A explicação, no entanto, não convence muitos especialistas, que culpam a diminuição do acesso aos serviços de saúde, quer seja pelo medo dos doentes em recorrer à Urgência, quer seja pelo fecho de muitos serviços e uma dedicação quase total do sistema ao tratamento da covid, que poderá ter negligenciado outras doenças, com consequências fatais. “Vários doentes chegaram tarde demais”, denuncia João Araújo Correia, presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna (ver entrevista).

Vários médicos contactados pelo Expresso confirmam o agravamento da situação clínica dos doentes, depois de meses de afastamento das consultas e dos tratamentos. Às urgências têm chegado pessoas “com elevada carga de doença”, denunciam.

### ***“Vamos ter de olhar para trás para ver os efeitos avassaladores do confinamento na saúde”, diz Vaz Carneiro***

Há já cinco meses que os pedidos de socorro em que foi enviada ajuda médica do INEM estão abaixo dos registados no mesmo período de 2019. E logo em março notou-se uma quebra significativa de chamadas de doentes urgentes com situações de enfartes ou AVC (acidentes vasculares cerebrais), que caíram para um terço. “Houve uma quebra na Via Verde AVC, sobretudo entre a segunda quinzena de março, logo a seguir à declaração do estado de emergência, e a primeira de abril. Em 2019 tínhamos neste período uma média de 12 a 14 ativações por dia e caiu para quatro ou cinco”, aponta António Táboas, responsável pelos Centros de Orientação de Doentes Urgentes do INEM.

Na Via Verde Coronária, relativa aos enfartes, também houve mudanças. “Os doentes telefonaram mais tarde. Em algumas situações essa demora terá contribuído para um prognóstico pior”, acrescentou.

Mas não foram só os doentes urgentes a recorrer menos aos hospitais. A pandemia manteve o SNS fechado aos cuidados não urgentes durante todo o estado de emergência. Só entre março e abril, ficaram por fazer 20 milhões de atos e a Liga Portuguesa Contra o Cancro parou os 30 mil rastreios mensais a tumores. Em resultado, mais de 4000 neoplasias terão ficado por diagnosticar. “Tudo o que diz respeito à prevenção e deteção precoce foi abandonado. Não houve consultas e muitas continuam por remarcar. Os diagnósticos tardios vão agravar a situação do doente”, diz Tamara Hussong, presidente da Associação de Apoio a Portadores de Alterações nos genes relacionados com o Cancro Hereditário.

A diminuição acentuada dos diagnósticos refletiu-se nos pedidos de adesão a grupos de ajuda a doentes oncológicos. “Recuso-me a aceitar que os exames não aconteceram só por receio dos doentes em irem ao hospital. Os controlos de doentes oncológicos ocorriam a cada três meses e já vão em intervalos de cinco. Houve biópsias e tratamentos inovadores adiados”, diz Miriam Brice, responsável por um grupo de ajuda a mulheres com cancro.

“Não fizemos a gestão global da doença, apenas da covid”, critica António Vaz Carneiro, diretor do Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência da Faculdade de Medicina de Lisboa, apontando, por exemplo, a “grave ausência de cuidados, absolutamente essenciais”, a cerca de 2 milhões de doentes crónicos. “Temos casos pavorosos de

diabéticos que não conseguem uma consulta.” Os transplantes também ficaram paralisados, com a suspensão da maior parte das cirurgias pré-marcadas. De acordo com o Instituto Português do Sangue e da Transplantação, as operações caíram 60% só no mês de março, em relação ao mesmo período de 2019.

O presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte, que inclui o Santa Maria, Daniel Ferro, sublinha que a concentração quase total de esforços na pandemia durante o confinamento “não é repetível, nem seria sustentável, sob pena de o estado de saúde da população poder deteriorar-se durante muito tempo”.

Para o especialista em saúde pública André Peralta Santos, no entanto, “a explicação mais plausível” para o excesso de mortalidade registado este ano é mesmo o novo coronavírus, que deverá estar na origem de muitos óbitos que não foram contabilizados como tal. “A definição de morte covid pela Organização Mundial da Saúde é provavelmente demasiado restritiva porque subestima os efeitos negativos a médio e longo prazo da covid”, defende.

António Vaz Carneiro duvida. “O limiar de deteção é tão baixo que não haverá subdiagnóstico de mortalidade por SARS-CoV-2”, diz. Explicações à parte, muitos médicos avisam que há muitas consequências da pandemia que ainda estão para vir.

“Vamos ter de olhar para trás para ver os efeitos avassaladores do confinamento na saúde. Dentro de três a quatro anos, vão surgir vagas de cancro, doenças cardiovasculares e psiquiátricas, violência e alcoolismo, tal como aconteceu entre as pessoas mais jovens após a crise devido à deterioração súbita das suas condições de vida”, alerta.